

MILENA BUSQUETS

Isso também vai passar

Tradução

Joana Angélica d'Avila Melo



Copyright © 2014 by Milena Busquets Tusquets
Publicado mediante acordo com a Pontas Literary & Film Agency

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

También esto pasará

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

Camille Moirenc/ Getty Images

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Luciana Gomide Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Busquets, Milena

— Isso também vai passar / Milena Busquets : tradução Joana Angélica d'Avila Melo — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original : También esto pasará

ISBN 978-85-359-2687-3

1. Ficção espanhola 1. Título.

16-00313

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Por alguma estranha razão, nunca pensei em mim com quarenta anos. Aos vinte, me imaginava com trinta, vivendo com o amor da minha vida e alguns filhos. E com sessenta, fazendo tortas de maçã para os netos, logo eu, que não sei nem fritar um ovo, mas aprenderia. E com oitenta, como uma velha alquebrada, bebendo uísque com minhas amigas. Mas nunca me imaginei com quarenta anos, nem mesmo com cinquenta. No entanto, aqui estou. No enterro da minha mãe e, ainda por cima, com quarenta anos. Não sei bem como cheguei até aqui nem a este vilarejo, que de repente está me dando uma vontade horrível de vomitar. E acho que nunca na vida fui para um lugar tão maledicida. Quando chegar em casa, vou queimar toda a roupa que estou usando, ela está encharcada de cansaço e tristeza, é irrecuperável. Quase todos os meus amigos vieram, alguns amigos dela e outros que nunca foram amigos de ninguém. Há muita gente e falta gente. No fim, a doença, que a expulsou selvagemente de seu trono e destroçou sem piedade seu reino, fez com que ela sacaneasse bastante todos nós, e, claro, isso se paga na hora do

enterro. Por um lado, você, a morta, os sacaneou bastante e, por outro, eu, a filha, não agrado muito a eles. Culpa sua, mamãe, claro. Pouco a pouco e sem perceber, você foi depositando toda a responsabilidade da sua minguante felicidade nos meus ombros. Aquilo me pesava, me pesava até quando eu estava longe, até que comecei a entender e a aceitar o que estava acontecendo, até que me afastei um pouco de você ao perceber que, se eu não fizesse isso, não era só você que morreria sob os seus escombros. Mas acho que você me amava, nem muito nem pouco, me amava e ponto final. Sempre achei que os que dizem “Eu te amo muito” na realidade te amam pouco e que talvez acrescentem o “muito”, que no caso significa “pouco”, por timidez ou por medo da contundência do “Eu te amo”, que é a única maneira verdadeira de dizer “Eu te amo”. O “muito” faz com que o “Eu te amo” se transforme em algo adequado a todos os públicos, quando na realidade quase nunca é. “Eu te amo”: as palavras mágicas que podem transformar a pessoa num cão, num deus, num maluco, numa sombra. Além disso, muitos amigos seus eram progressistas, acho que hoje já nem se chamam assim ou que já nem existem. Não acreditavam em Deus nem em vida depois da morte. Lembro quando era moda não acreditar em Deus. Agora, se você diz que não acredita em Deus, nem em Vishnu, nem na mãe Terra, nem em reencarnação, nem no espírito de sei lá o quê, nem em nada, as pessoas te olham com uma cara de pena e dizem: “Dá pra ver que você não está nem um pouco iluminada”. Então, eles devem ter pensado: “Melhor ficar em casa, no sofá, com uma garrafa de vinho, fazendo-lhe minha homenagem particular e muito mais transcendente do que a da montanha com os babacas dos teus filhos. Afinal, funerais não passam de uma convenção”. Ou algo assim. Porque imagino que eles te perdoaram, se é que havia alguma coisa para perdoar, e que te amavam. Quando eu era criança, via vocês rindo e jogando ba-

ralho até o amanhecer, viajando, tomando banho de mar pardos, saindo para jantar, e acho que vocês se divertiam, eram felizes. O problema com as famílias que a pessoa escolhe é que elas desaparecem mais rápido do que as de sangue. Os adultos com quem eu cresci ou estão mortos, ou não sei por onde andam. Aqui, sob este sol inclemente de derreter a pele e rachar a terra, é que eles não estão. Enterro é muito chato, e as duas horas de estrada para chegar aqui, uma tortura. Conheço de cor este caminho entre oliveiras, estreito e ondulante. É, ou foi, embora eu não passasse mais de dois meses por ano no vilarejo, o caminho de volta para casa e para todas as coisas de que gostávamos. Agora não sei mais o que ele é. Eu devia ter trazido um chapéu, mesmo que depois eu tivesse que jogar fora também. Estou ficando tonta. Acho que vou sentar do lado deste anjo com ar ameaçador, com asas que parecem espadas, e não levantar nunca mais. Carolina vem vindo, ela sempre percebe tudo, me pega pelo braço e me leva até o muro de onde se avista o mar, muito próximo, no final de um declive com oliveiras cansadas, de costas para todo mundo. Mamãe, você me prometeu que quando morresse minha vida estaria encaminhada e em ordem e que a dor seria suportável, não me disse que eu teria vontade de arrancar e comer as minhas próprias entradas. Me disse isso antes de começar a mentir. Você, que nunca mentia, em determinado momento, não sei por quê, começou a fazer isso. Os amigos que no final quase não te viam e que se lembram da pessoa notável que você foi há dez anos, ou há dez mil anos, estes, sim, vieram. E minhas amigas: Carolina, Mercè, Elisa e Sofía. Mamãe, acabamos decidindo não enterrar Patum com você. Aqui não é o Egito dos faraós. Eu sei, você dizia que sem você a vida dela não teria sentido, mas, primeiro, ela é uma cachorra grande e não caberia no nicho — imagino os dois coveiros empurrando-a pelo traseiro para forçá-la a entrar, como fizemos tantas vezes em alto-

-mar, depois do mergulho, ajudando-a a subir a escadinha do barco — e, depois, isso de ser enterrado com um cão com certeza é ilegal. Mesmo que o animal estivesse morto como você. Porque você está morta, mamãe. Venho repetindo isso há dois dias, e repetindo a mim mesma e perguntando às minhas amigas, para o caso de ter havido algum equívoco ou de eu ter entendido mal, e toda vez me garantem que o inacreditável aconteceu. Com exceção dos pais dos meus filhos, só há um homem interessante aqui, desconhecido. Estou prestes a desmaiar de horror e de calor, mesmo assim continuo capaz de detectar imediatamente um homem atraente. Deve ser o instinto de sobrevivência. Qual será a etiqueta para flertar num cemitério? Ele virá me dar os pêsames? Acho que não. Covarde. Covarde bonitão, eu te pergunto: o que um covarde está fazendo no enterro da minha mãe, a pessoa menos covarde que eu conheci na vida? Ou talvez a garota que está ao seu lado, segurando sua mão e me olhando com curiosidade e insistência, seja sua namorada. Não é meio baixinha pra você? Bom, dona namorada anã de um covarde misterioso, hoje é o dia do enterro da minha mãe, tenho o direito de fazer e dizer o que me der na telha, certo? Como se fosse o dia do meu aniversário. Não me leve a mal.

O enterro termina. Vinte minutos ao todo, em meio a um silêncio quase absoluto, não houve discursos, nem poesias — você jurou se levantar do túmulo e nos perseguir por toda a eternidade se deixássemos algum dos seus amigos poetas recitar alguma coisa —, nem orações, nem flores, nem música. E teria sido ainda mais rápido se os funcionários idosos a quem cabia pôr o caixão no nicho não fossem tão desajeitados. Entendo que o homem atraente não tivesse se aproximado de mim para mudar minha vida, embora não me ocorra momento mais adequado e imprescindível para fazer isso, mas pelo menos ele podia ter ido ajudar os velhos, quando eles quase deixaram o seu caixão cair

no chão. Um deles exclamou: “Puta que pariu!”. Foram as únicas palavras pronunciadas no seu enterro. Me parecem muito apropriadas, muito exatas. A partir de agora, imagino que todo enterro ao qual eu for será o seu. Descemos pela encosta. Carolina pega minha mão. Pronto. Minha mãe morreu. Acho que vou me registrar como moradora de Cadaqués. Agora que você vive aqui, será melhor.